ESCOLA DE HUMANIDADES
CURSO DE FILOSOFIA

EZEQUIEL REIS BORBA

DEUS TRINDADE: O DEUS COGNOSCÍVEL – SANTO AGOSTINHO.

Porto Alegre
2019

GRADUAÇÃO

Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

EZEQUIEL REIS BORBA

DEUS TRINDADE: O DEUS COGNOSCÍVEL - SANTO AGOSTINHO.

Trabalho apresentada como requisito parcial para obtenção do grau na disciplina de Filosofia da Religião, pelo Curso de Filosofia da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Bruno Odélio Birk

Porto Alegre
2019

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo refletir a possibilidade do ser humano conhecer o divino. Baseando-se no segundo capítulo da obra: ‘Santo Agostinho, Os Fundamentos Ontológicos do Agir.’ Transcendência e Relação, de Matheus J. Vahl, o nosso itinerário segue a esclarecer melhor a relação de Deus com a sua criação, facilitando ao homem uma melhor compreensão da presença do divino (cognoscível) através da história, embasado no pensamento agostiniano.

Palavras-chave: Deus. Trindade. Criação. Relação. Conhecimento.

RESUMEN

Este trabajo tiene por objetivo reflejar la posibilidad de ser humano conocer lo divino. Basándose en el segundo capítulo de la obra: 'San Agustín, los Fundamentos Ontológicos del Obrar. Trascendencia y Relación', de Matheus J. Vahl, procuramos esclarecer mejor la relación de Dios con su creación, para facilitar al hombre la comprensión de la presencia de lo divino (cognocible) a través de la historia, según el pensamiento agustiniano.

Palabras clave: Dios. Trinidad. Creación. Relación. Conocimiento.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 6

2 JORNADA HUMANA EM DIREÇÃO A DEUS ..... ERRO! INDICAD

2.1 A QUEDA HUMANA E SUAS CONSEQUÊNCIAS **.....** ERRO! INDICAD

2.2 O RETORNO PARA DEUS **..... 8**

3 DEUS COGNOSCÍVEL 8

3.1 LIMITE RACIONAL **..... 10**

3.2 À DIMENÇÃO DO AMOR **..... 11**

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS 13

REFERÊNCIAS 14

1 INTRODUÇÃO

O tema: Deus é tratado com muita atenção por Agostinho após a sua conversão, pois até então, lhe cabia uma concepção não cristã, totalmente diferente do que ele viria assumir após o seu encontro com o Deus dos cristãos. O seu caminho para Deus se dá devido à busca incessante pela Verdade, pela qual se deixará conduzir; esta que o envolverá e o fará mudar seu modo de pensar e agir.

Agostinho remete àqueles, que como ele, pretendem trilhar este mesmo caminho, a uma jornada que irá fazer o homem interrogar-se, e a procurar a restauração daquela relação originária que fora rompida, pelo pecado. Isto seguirá através da proposta do conhecimento de Deus, para assim ama-Lo, e servi-Lo; ou seja, para que o homem por meio disso encontre aquele real sentido pelo qual veio a este mundo. Em sequência, se apresentará os limites e as possibilidades da razão humana, estes que efetivam tal busca. Primeiramente pela realidade que circunda, a alma humana, e o Ser que se revela. Fazendo assim a razão, ao contemplar a imagem de Deus Trindade, presente na alma, encontrar-se com esse Deus Trindade, que é o Amor.

2 A JORNADA HUMANA EM DIREÇÃO A DEUS

Conhecer a Deus vai muito mais além de ser algo possível à razão humana. Este conhecimento precisa levar o ser humano a compreender que seu Deus não está distante, “fora do mundo”, mas Ele está em contínua sustentação de sua criação; e se não fosse assim, tudo pereceria. Por essa razão Agostinho foca todo o conhecimento e o agir humano na busca existencial de Deus. Será deste encontro, que o homem entenderá que é imagem e semelhança de Deus. Isto é motivo suficiente para busca-Lo cada vez mais.

2.1 A queda humana e suas consequências

Agostinho faz lembrar por sua análise que a salvação não está simplesmente determinada por Deus a cada indivíduo, mas apresenta-a como sendo esta uma contínua busca; depois de ter, por vontade própria, pelo pecado, se distanciado Dele. Este incessante desejo pela perfeita união novamente só será possível se houver empenho, se houver sinceridade real, onde se reconhece o valor de estar em Deus novamente.

Isso não quer de forma nenhuma indicar que Deus, depois da queda do homem o tenha abandonado, de forma alguma, - muito pelo contrário, sempre se mostrou solícito em trazer o homem novamente a Si (é possível compreender isto mais detalhadamente pelo estudo da história do povo de Israel, relatada nas Sagradas Escrituras. Chegando ao ponto do próprio Deus enviar seu Filho para resgatar os viventes do pecado, para conduzir o homem para Ele novamente). Deus em sua perfeitíssima Bondade e Misericórdia, permanece sendo o sustentador de toda a obra criada, promovendo a todo instante condições para que o homem O ame, e cumpra a Sua vontade.

A trajetória do ser humano, mesmo auxiliada por Deus nesta vida, ainda carrega consigo as consequências da queda pelo pecado original. Já não se consegue ver claramente pelos olhos da alma com aquela mesma clareza que o estado anterior à queda proporcionava; vivendo os viventes assim, com aquela saudade por contemplar mais nitidamente seu Criador.

2.2 O retorno para Deus

Pode ser definida a caminhada da humanidade sobre a terra como um constante ‘reencontro’ entre o Criador e a sua criatura, tendo em vista sempre a vida eterna, ao que se pode chamar também de alegria eterna (Beatitude). Este itinerário se produz mediante a colaboração de ambas as partes: a graça de Deus, e a conversão do homem. E este itinerário vai sendo construído também pela inquietude do coração humano que o impulsiona a não desistir, que o impulsiona a preencher esta lacuna causada pelo distanciamento do seu Deus.

Cada um ao se dispor a esta jornada, ligeiramente sente o peso que é perseverar neste percurso. Os atrativos mundanos são os mais variados, as promessas de prazeres passageiros são irresistíveis, e se o viandante não está firme e com o olhar na meta principal de atingir a Deus, facilmente se deixa levar pelos encantos que desordenadamente o mundo propõe. Só Deus é capaz de garantir o equilíbrio que perdemos, e do qual tanto carecemos.

Pela soberba e orgulho, o homem afastou-se de Deus, deixando para traz a verdadeira ciência, o verdadeiro entendimento, correndo o risco hoje de buscar o entendimento onde ele não está, caindo e tornando-se escravo de ideologias confusas que bem longe estão da Verdade; que alienando o ser humano o continua privando da contemplação da Verdade, do seu Deus. Mas esta privação é mais do que justa. A partir de agora, o homem é chamado a esforçar-se mais ainda, para dar valor ao que deixou para trás, o conhecimento, a intimidade com seu Criador. Deus por misericórdia se volta para o homem mais uma vez, e se revela, se deixa encontrar. Provando com isso, que o amor supera a ingratidão.

3 DEUS COGNOSCÍVEL

Agostinho propõe por seu estudo, Deus enquanto “*expressão de uma experiência existencial a que todo homem é chamado a vivenciar.*” *(VAHL, 2016, p.43)*. Talvez seja esta a reflexão por excelência que todo o mortal busca realizar, (admitindo ou não) pois ao parar para pensar neste mistério, se depara com a sua natureza, com tudo aquilo que está relacionado à sua existência. Na obra *De*

Trinitate, Agostinho ao se referir à realidade divina considera esta *"[...] vivente que ama e é amada e, como tal revela-se enquanto sentido da criação e da própria vida humana."[...]* (Trin.XV,2,2). Deus que se deixa conhecer e amar, e utiliza de muitos meios para que o homem, em sua liberdade, em seu tempo, alcance tal objetivo.

Este conhecimento do qual se utilizará o ser humano para contemplar a Deus vem unido à ética. Conhecer a Deus é mudar radicalmente de vida, é dar à Verdade a sua liberdade, para que haja uma transformação da realidade; para que se volte àquela ordem de outrora. O ser divino não é algo inalcançável, segundo Agostinho, é sim, alcançável pela razão humana. Diz Oliveira e Silva:

> o princípio de inteligibilidade das coisas, é fazedor delas e doador de ser para elas. Ora, esta tese não é uma tese neoplatônica, mas implica já uma ontologia distinta, a saber, a concepção de que o princípio de todas as coisas não apenas lhes dá inteligibilidade, mas ser: é criador. Assumindo a metafísica bíblica da criação, Agostinho descobre que em todas as coisas do mundo existe ser [...], e porque ser, racionalidade e ordem (2012a, p.12).

Seguindo tal pensamento, compreendemos também Deus como Ser, porque por sua essência de Ser, encontra o homem um sentido. Pela real presença ordenadora de Deus na sua criação, que se apresenta inteligível, colabora esta com a compressão do homem para que no seu mais íntimo contemple o próprio sentido do seu existir.

Agostinho ainda vai se deparar com um Deus que é uma essência, um Deus que se personaliza e se revela. Embora ainda não se poça compreender, - pela condição mortal - a essência divina em si mesma, como realmente é, portanto, o Hiponense expõe de um modo distinto uma maneira de compreender que é possível para o ser humano: conhecer e relacionar-se com seu Deus Trino e Criador.

Além de saber tudo isso sobre Deus, ainda é preciso ter cautela, e reconhecer que há muitas e muitas diferenças intrínsecas, diferenças ontológicas entre a divindade e o simples mortal. Deus é Perfeitíssimo, porém os seres humanos corrompidos pelo pecado, não são capazes por si só de compreender as verdades eternas. As diferenças são veementes, expressas no *"De Trinitate"*: Aos que procuram a Deus, Agostinho admoesta:

> alguns pretendem aplicar às coisas incorpóreas e espirituais as noções adquiridas sobre coisas corpóreas, mediante os sentidos, ou graças à força da razão humana e à potencialidade da investigação [...]. Há outros que pensam sobre Deus – se é que pensam sobre Deus, apoiados na natureza da alma humana ou em seus sentimentos. Desse erro são levados a fixar regras falsas e falazes em suas doutrinas quando discorrem sobre Deus. Há ainda uma terceira espécie de indivíduos que se esforçam por transcender

> as coisas criadas, certamente mutáveis, para se aplicarem à substância imutável, que é Deus. Onerados, porém, pelo peso da mortalidade, querem fingir saber o que não sabem; mas como não são capazes de conhecer o que almejam, afirmam com todo atrevimento suas opiniões hipotéticas, fecham a si mesmos os caminhos da inteligência [...]. Estão eles tanto mais longe da verdade quanto mais seus conhecimentos não se apóiam nos sentidos corporais, nem no espírito criado; nem no próprio Criador (Trin. I, 1, 1).

Todos ainda possuem a mancha do pecado, a turva compreensão do mistério divino. Com isso, é necessário deixar o orgulho de lado, e pedir a Deus auxílio para seguir na compreensão, a qual ainda, a pesar da ingratidão, por Deus são agraciados e sustentados.

3.1 Limite racional

Agostinho trás à tona também a limitação da razão humana. De Deus não é permitido tratar por condições mundanas. Desejar compreender Deus como se compreende os demais seres, seria trazê-Lo para o campo dos demais entes, classificando-O como mais um. Seria desnobrecer sua condição divina, e consequentemente separar ainda mais a alma humana da existência. É desejar querer unicamente entender tudo pela realidade sensível, sem anuir que o conhecimento de Deus requer o trabalho da alma que transcende a lógica.

Ao reconhecer-se pecador, sua miserável condição, Agostinho entende que o conhecimento de Deus não se prende ao criado. A verdade de tal conhecimento, para Agostinho é que: Deus é aquilo que mais se conhece desconhecendo. A final, é possível conhecer a Deus, já que por aquilo que pensava-se ser possível não é? Pelo que seria?

Para conhecer Deus não é possível partir da própria e tão limitada razão, o ser humano necessita conhecê-Lo por meio, e unicamente do que Deus transmite enquanto Ser Criador e Doador de sentido. Agostinho vai falar de uma indispensável *"dilatação da alma"* (Conf. I, 5, 6), está que nada mais é do que uma maior disposição existencial, que o leve a transcender em sua condição; uma elevação de todas as dimensões existenciais presentes em si mesmo. Conclui, Oliveira e Silva:

> [...]consiste em "ultrapassar o nível psicossomático da experiência cognitiva humana, [...] a um tempo puramente espiritual em suprema relação com todas as realidades criadas"

E acrescenta:

> [...]Este é um ponto caro no pensamento de Santo Agostinho, o nível espiritual não consiste em uma “fuga do mundo” para atingir realidades “superiores”, mas em outra ordem de relação com a realidade criada, ou seja, ao buscar a Deus, o homem não só não abandona a existência criada, como realiza um mergulho de todo seu ser na verdade mais própria desta realidade, onde é possível ver o Ser sem o velamento do pecado.(2012b, p.131.

Toda esta ação de conhecer é fruto unicamente de uma relação, entre Deus e o homem. Não é uma busca simples do próprio homem por encontrar, conhecer e amar a Deus, é também um deixar-se encontrar, conhecer e amar, pelo próprio Deus, como acima citado. Converte-se esta, em uma bela ação, humana e divina.

É pelo processo de dilatação da alma, como Agostinho procura mover-se, superando-a em si mesma, voltando-a para Deus, que ao conhecimento de Deus requer, sem reservas, antes de tudo: a fé Nele. Através da purgação da alma, efetivada pelo próprio Deus, por meio da Graça e da revelação, que o conhecimento das realidades eternas, não é concedido sem a fé. Lembra Agostinho:

> faz-se mister, por isso, purificar nossa mente para podermos contemplar inefavelmente o inefável. Ao não conseguirmos ainda essa purificação, alimentamo-nos, somos conduzidos por caminhos mais praticáveis a fim de sermos capazes de chegar a compreender a Deus (Trin. I, 1, 3).

3.2 A dimensão do amor

O conhecimento de Deus é muito mais profundo, vai muito mais além do movimento puramente epistêmico, porque exige do homem uma disposição, que Agostinho denomina: amor. O amor não é unicamente sentimento, é uma forma de ser e entender-se também como ser humano. Esse amor é concedido ao ser humano por Deus Pai, em união com o Filho, através do Espírito Santo. Acrescenta o autor:

> A ‘teodiceia’ agostiniana consiste em uma atividade inteligível e existencial da alma humana, que a conduz a fazer a experiência de um Deus que é, ao mesmo tempo, essência totalmente diversa da inteligência humana, pessoal e inteligível enquanto verdade que se revelando, revela o “modo de ser” próprio do homem [...].

Esta é a principal busca do homem, a busca por querer conhecer, e no mais íntimo, amar quem o criou. Este desejo inscrito no coração de cada um é movido

pelo amor. Por mais que seja uma realidade acima, infinitamente mais perfeita, Deus por amor, se dá gratuitamente a conhecer, a fim de que o ser humano compreenda os Seus desígnios, e se eleve.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos por esta pesquisa, que ao homem foi concedido desde sempre o entendimento do divino, mas por livre decisão, por soberba, cai nas garras do pecado, afastando-se do conhecimento reto das realidades divinas, conhecendo agora a Deus turvamente (pelo menos até antes da morte), não mais como tinha acesso outrora. livremente no paraíso. Porém, Deus não desiste da sua criação, e continua a oferecer condições para ser encontrado e amado.

Seguramente pôde-se acompanhar o esforço da razão para chegar ao possível conhecimento de Deus, que dá toda a assistência necessária ao ser humano nesta busca. Para que, embora limitado, se abra a ajuda divina e contemple o seu criador, que tudo fez e faz por amor, através da perfeita união trinitária.

REFERÊNCIAS

- **Vahl**, Matheus Jeske. **Os Fundamentos Ontológicos do Agir** / [recurso eletrônico] – Pelotas: NEPFIL online,2016.

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria Acadêmica
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: proacad@pucrs.br
Site: www.pucrs.br/proacad